

# Vaca das Cordas

Município de Ponte de Lima



## ANEXO I

JUNHO DE 2022

Eduarda de Arrochela Lobo

José Velho Dantas

Nuno Brandão Abreu

## ÍNDICE

<b>I. Identificação.....</b>	<b>3</b>
<b>II. Documentação .....</b>	<b>21</b>
<b>III. Direitos Associados .....</b>	<b>25</b>
<b>IV. Património Associado.....</b>	<b>25</b>

## FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL

### I. IDENTIFICAÇÃO

#### 1. Domínio

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

#### 2. Categoria

Rituais coletivos

#### 3. Denominação

Vaca das Cordas

#### 4. Outras denominações

Corrida (do Corpo de Deus); Tourada à corda

#### 5. Contexto tipológico

A 'Vaca das Cordas' é uma tradição secular da vila de Ponte de Lima, desde sempre associada às celebrações religiosas do Corpo de Deus. Apesar de receber o nome de 'Vaca das Cordas', o animal em lide é um macho, ou seja, um touro. Esta manifestação tauromáquica realiza-se anualmente na véspera do feriado litúrgico e define-se como um ritual coletivo de corrida do touro ou de tourada à corda em que são medidas forças entre os homens e o animal e no qual estão presentes a bravura e a temeridade, a folia e a alegria. Durante a corrida sente-se e vive-se uma atmosfera de perigo e ameaça, mas também de excitação e adrenalina. Aqui, homem e touro trocam um olhar de desafio. No entanto, no fim da corrida não há vencedores, nem vencidos, apenas um envolvimento mútuo de sentimentos, por vezes contraditórios, que combinam coragem e insensatez, riso e sofrimento, desafio e fuga.

Esta festividade insere-se no âmbito das celebrações tradicionais do Corpo de Deus, pelo menos desde o século XVI, em muitos lugares de Portugal, onde tinha uma importância ímpar na convocação de toda a comunidade para a procissão solene. Participavam todos os grupos profissionais e dignitários, levando cada um sinais e performances que os identificava. A presença das mouriscadas e de touros era muito comum, dando ao evento religioso uma dimensão social que ultrapassava largamente

o sentido do ritual sagrado. Devido a alguns abusos, e por efeito de um maior controlo e puritanismo religiosos, as principais manifestações laicas foram proibidas e retiradas da procissão solene. Mas se algumas dessas práticas sociais caíram no esquecimento em muitas povoações, outras permaneceram em tempos e espaços fora do ritual da procissão do Corpo de Deus. É o que sucede na ‘Vaca das Cordas’ em Ponte de Lima, mas também nas recriações de mouriscadas e demais rituais com animais fantásticos, em Portugal e noutros países, uns celebrados em concomitância com festividades – caso do ritual de Sobrado, em Valongo, no S. João, ou da festividade da Coca em Monção, no final da Procissão do Corpo de Deus, num terreiro nos arrabaldes da vila –, outros assinalados à margem dos eventos.

No caso particular da ‘Vaca das Cordas’, conquanto a manifestação tauromáquica tenha deixado de se realizar no dia da celebração religiosa, a conservação de uma corrida à corda na véspera do Corpo de Deus, além de historicamente comprovada, confere solidez e relevância à festividade enquanto tradição cultural.

Das características herdadas do ritual processional resta a realização do percurso do touro que, não coincidindo com o trajeto da procissão, mostra a apropriação do tecido urbano e do templo religioso, porquanto percorre sempre as mesmas ruas e praças até chegar ao areal na margem esquerda do rio Lima onde decorre a maior parte da manifestação, numa luta ritualizada entre homens e touro, este último controlado pelas cordas que o prendem e justificam o nome da festividade. Os momentos principais deste espetáculo tauromáquico são: i. a saída do touro do local onde permanece desde a véspera, pois é essa a ocasião em que se observa e se avalia a “qualidade” do animal; ii. a Igreja Matriz, que marca um dos rituais mais simbólicos do dia – o “batismo” do touro com vinho quando preso à esquina esquerda da fachada frontal e as três voltas ao templo como se de uma romaria se tratasse, associando, assim a festividade à simbologia religiosa; iii. a passagem pelo Largo de Camões, dado ser o espaço mais nobre da vila, com o seu chafariz monumental, que serve de organizador dos movimentos, gerindo a proximidade ou afastamento das investidas do touro, e onde se concentram, na fase inicial do ritual, o maior número de pessoas; iv. o extenso terreiro junto do rio Lima que se assume como cenário de excelência para os “jogos de luta” entre homens e animal.

Neste ‘jogo’ todos os participantes assumem papéis previamente estabelecidos: os humanos desafiam, com mais ou menos coragem, o touro e fogem às investidas deste; o touro investe sempre que provocado, não poupando a força, aproveitando as rédeas permitidas pelos homens das cordas; os que seguram as cordas cumprem o papel de gerir a força do touro e as provocações dos mais afoutos, ora permitindo o contacto, ora defendendo, pessoas e touro, de perigos maiores. A todo este ritual assiste uma grande multidão, que delega nos corajosos a proximidade ao animal, rindo e valorizando os feitos dos destemidos, por um lado, e injuriando os mais cobardes, por

outro. Não se exerce qualquer violência sobre o touro, restringindo-se o perigo e a eventual existência de vítimas aos participantes nas pegas.

No final do ritual, homens e touro partilham um cansaço e suor extremos, sinais que indicam o fim da celebração e a recolha dos intervenientes: o touro para o curral, a multidão para as tascas e restaurantes, continuando o folguedo e a partilha pela noite dentro.

## 6. Contexto de produção

### 6.1. Contexto social – Entidades

- Associação dos Amigos da Vaca das Cordas – entretanto substituída, em 2022, pela **Associação dos Defensores da Tradicional Vaca das Cordas** (a anterior, criada em 2008, foi dissolvida durante a pandemia por ausência de atividade);
- Município de Ponte de Lima;
- “Homens das cordas”;
- Comunidade local.

#### 6.1.1. Comunidade(s)

A corrida da ‘Vaca das Cordas’ é uma tradição que tem lugar no centro histórico da vila de Ponte de Lima pelo menos desde o século XVI. Trata-se de uma das manifestações culturais mais emblemáticas da região, que envolve toda a comunidade ponte-limense.

Aqui sobressaem dois tipos de participantes – os ativos que acompanham de perto todo o percurso do animal e se arriscam a uma ou outra pega mais ousada, e os meros espectadores que avaliam de longe o perfil do touro e aplaudem as manobras dos mais corajosos. Independentemente do papel que cada um assume na festa, todos partilham o mesmo sentimento de entrega, alegria e boa disposição.

A tradicional corrida tauromáquica destaca-se no calendário de festividades do concelho, não apenas por constituir um momento de convívio e de celebração pública, mas essencialmente pela simbologia a que está associada, mormente a salvaguarda e perpetuação de um ritual ancestral, em que cada vez mais há a preocupação de preservar a integridade do touro, conciliando em perfeita harmonia a tradição e os direitos dos animais. A véspera do feriado litúrgico do Corpo de Deus é, portanto, pautada por um jogo de respeito entre homem e touro.

Independentemente das possíveis origens / representações e das motivações de quem participa na festa, a ‘Vaca das Cordas’ traduz-se num ritual coletivo que atrai um grande número de visitantes, particularmente seduzidos pela estúrdia e pela folia,

estimulando a economia local que está intrinsecamente dependente do turismo, nomeadamente de cariz cultural.

Enquanto antigamente a participação na festa se restringia apenas à população local e aos habitantes das freguesias vizinhas – que acorriam à vila para ‘ver correr a vaca’ e para assistir às celebrações religiosas de Corpus Christi –, nos dias de hoje, a difusão desta manifestação ultrapassou fronteiras, atraindo todos os anos milhares de forasteiros que, cada vez em maior número, afluem a Ponte de Lima ao final da tarde da véspera do Corpo de Deus para tomar parte deste evento secular que a comunidade local se esforça por preservar pois, além da sua relevância histórica, social e cultural, fomenta a economia, garantindo a saúde e a sobrevivência financeiras do comércio tradicional, da hotelaria, da restauração e dos diferentes espaços culturais do Município.

### **6.1.2. Grupo(s)**

A organização da festa está a cargo da Associação dos Amigos da Vaca das Cordas em estreita articulação com o Município de Ponte de Lima. A Associação é criada em 2008 por um grupo de amigos que, face à crescente notoriedade da tradição, considera importante atribuir a esta manifestação cultural a sua merecida relevância, fundamentalmente através da sua divulgação a nível nacional e também no estrangeiro. Em 2022, a coletividade foi substituída pela Associação dos Defensores da Tradicional Vaca das Cordas (note-se que a anterior foi dissolvida durante a pandemia por ausência de atividade), sendo formada por cinco elementos que se dedicam, de corpo e alma, à preparação da corrida mais tradicional e mais aguardada da vila ponte-limense. A sua principal missão consiste no aperfeiçoamento e na promoção sustentável e equilibrada da tradição.

A Associação reúne-se anualmente e todos os seus membros – que assumem igual nível de responsabilidade – encarregam-se da organização da festa, através de um trabalho articulado e cooperativo. Para a boa realização do evento, cumpre a esta Associação um conjunto de medidas organizacionais, de que se destaca a compra do touro, cuja responsabilidade só a ela cabe.

O Município de Ponte de Lima providencia todo o apoio técnico, logístico e financeiro necessário para a preparação e realização da corrida da ‘Vaca das Cordas’. Dá igualmente um precioso contributo em matéria de segurança, garantindo o aumento do policiamento através da contratação de agentes da Polícia de Segurança Pública, e mesmo de segurança privada que, em estreita articulação, vigiam e protegem as principais artérias da vila, evitando a ocorrência de qualquer tipo de incidente, seja no decurso da corrida, seja ao longo da noite.

Por seu turno, os Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima desempenham também um papel fundamental na segurança e no auxílio urgente de todos aqueles que participam

de uma maneira mais ativa e direta na festa, socorrendo alguns entusiastas que se magoam na tentativa de fuga das investidas dos animais e, outros, mais incautos, que ficam feridos na sequência de destemidas pegadas protagonizadas no areal do rio Lima.

A produção da corrida conta com a prestimosa ajuda dos “homens das cordas” que, nascidos em terras ponte-limenses e em regime de abnegado voluntarismo, participam ativamente na corrida, segurando as cordas que guiam o animal pelas principais artérias do centro histórico no cumprimento de um sonho de infância que o tempo e a “afición” concretizaram. Além da destreza e força físicas, são requisitos obrigatórios o respeito pelo animal e a garantia da sua segurança ao longo do percurso.

Verifica-se, igualmente, a presença constante, e cada vez mais expressiva, de grupos organizados que se deslocam à vila ponte-limense, na véspera do Corpo de Deus, devidamente identificados com t-shirts personalizadas, a fim de vivenciar esta tradição secular.

A festa é igualmente abrilhantada pela atuação do um Grupo de Bombos que durante o dia vai percorrendo o centro histórico, animando as principais artérias da vila até ao início da corrida.

### **6.1.3. Indivíduo(s)**

A corrida da ‘Vaca das Cordas’, pelo menos no respeitante à sua produção e ao manuseamento das cordas e do animal, é exclusivamente masculina, devido à própria exigência do evento e à natureza possante do animal.

A participação na corrida está genericamente aberta a toda a população ponte-limense, independentemente da idade e do género, e a todos aqueles que visitam a vila de Ponte de Lima nesse dia, oriundos de vários pontos do país e também de territórios além-fronteiras.

## **6.2. Contexto territorial**

### **6.2.1. Local:**

A ‘Vaca das Cordas’ realiza-se na vila de Ponte de Lima, num itinerário pré-definido que contempla as principais artérias do seu centro histórico e o extenso areal junto à margem esquerda do rio Lima.

### **6.2.2. Freguesia:**

Arca e Ponte de Lima

### **6.2.3. Município:**

Ponte de Lima

**6.2.4. Distrito:**

Viana do Castelo

**6.2.5. País:**

Portugal

**6.2.6. Nuts II:**

Norte

**6.2.7. Nuts III:**

Minho-Lima

**6.3. Contexto temporal****6.3.1. Periodicidade:**

A 'Vaca das Cordas' realiza-se anualmente.

**6.3.2. Data:**

O evento festivo acontece na véspera do feriado religioso do Corpo de Deus ao final da tarde e pela noite dentro.

**7. Caracterização****7.1. Caracterização síntese**

*“A Vaca das Cordas em Ponte de Lima é um evento alimentado pela paixão do seu povo, importante do ponto de vista sócio-económico e traz à vila imensos turistas nacionais e estrangeiros. Está na alma do povo este dia, que se prolonga pela noite adentro, uns em folia intensa outros dedicando-se ao atapetamento florido das ruas para receber a procissão do Corpo de Deus.”*

(Sousa, s.d.)

A tradição da 'Vaca das Cordas' é uma manifestação cultural, de cariz tauromáquico, que esteve desde sempre ligada às celebrações religiosas do Corpo de Deus, cumprindo-se a festa, por consequência e correlação, na véspera do feriado litúrgico.



As principais artérias da vila alto-minhota e o extenso areal banhado pelo rio Lima são o palco desta festividade táurea que se traduz, numa análise mais distante, num jogo de forças e de respeito entre homem e animal. Aqui não há vencedores nem vencidos, apenas a insensatez e a ousadia de uns, em oposição e em rivalidade com o porte intimidante e a astúcia do touro. Apesar de o ritual estar separado da procissão do Corpo de Deus, contrariamente ao que sucedia no passado, o facto de se realizar na véspera desse dia religioso e de, na sua performance, existirem práticas que associam o percurso do touro à centralidade do templo cristão – a matriz onde decorre um simulacro de batismo – deixa transparecer a carga simbólica relacionada com os rituais sagrados celebrados com animais, de que o touro tem particular tradição ancestral.

A chegada do animal, bravo e corpulento, à vila de Ponte de Lima, acontece sempre na véspera da corrida, noticiando-se o acontecimento com fausto, ao som do ribombar de foguetes. Sabe-se então que a “vaca” se encontra na Expolima, onde fica recolhida até ao momento da festa. Ao final da tarde do dia que precede o Corpo de Deus, a “vaca” sai do lugar de pernoita e é largada na zona do Arrabalde, seguindo presa por cordas até à Igreja Matriz. Aí, o animal é atado às grades da janela da torre onde se realiza o “batismo” com vinho verde tinto da região. Após as três voltas à igreja, é conduzido ao Largo de Camões e, por fim, guiado para o areal onde se consumam as pegas e as marradas, regressando, mais tarde, à Expolima.

## 7.2. Caracterização desenvolvida

### Corrida da “Vaca das Cordas”:

*“(…) À tua força eu jogo a minha inteligência;  
à minha falta de sensatez, tu cumpres o que se espera de ti!”*

(Campelo, 2007)

#### OS PREPARATIVOS

Os preparativos da corrida da ‘Vaca das Cordas’ começam com alguns meses de antecedência. Os membros da Associação, responsáveis pela sua organização, reúnem-se de molde a definir todas as tarefas necessárias para a realização da festa, nomeadamente:

- Contactar o grupo de bombos que irá animar as principais artérias do centro histórico, antes da saída do touro;
- Encomendar os foguetes para anunciar a chegada do animal na véspera da corrida, para sinalizar a sua saída do curro no dia da festa e para assinalar o fim do evento tauromáquico;

- Agendar uma reunião com o Município de Ponte de Lima para a obtenção do montante necessário para a aquisição do touro;
- Escolher o *designer* para a execução do cartaz da festa, havendo sempre a preocupação de se optar por um artista local. Na edição de 2018, por exemplo, a responsabilidade foi entregue a Ricardo Dantas Rodrigues, que optou por um estilo minimalista – por considerar que a ‘Vaca das Cordas’ já tem um legado que não precisa de muita informação para ser divulgada –, apresentando, portanto, fundo negro, numa clara referência à cor do animal, e usando a forma da cabeça do touro com as cordas soltas para exibir uma fotografia da corrida (cf. Anexo II/4 n.º 03);
- Organizar o grupo de indivíduos que vai segurar as cordas e guiar o touro ao longo da corrida;
- Programar a deslocação ao centro do país a fim de adquirir o animal a ser corrido na véspera do Corpo de Deus.

Este último ponto traduz, provavelmente, o momento mais importante e entusiasmante de toda a preparação da festa – a escolha do touro. Para tal, selecionam-se algumas ganadarias da zona centro para a posterior aquisição do touro bravo. Como se trata de uma corrida ao ar livre, que requer um perfil muito específico, procura-se um animal que não seja demasiado pesado, mas sim ágil, astuto, levantado e, claro, de bom porte e pelagem, conferindo-lhe nobreza. Nas últimas edições, os membros da Associação têm optado por uma ganadaria de Montemor-o-Velho por apresentar continuamente bons exemplares.

Os condutores das cordas são escolhidos de forma bastante criteriosa de entre os filhos da terra, pois o próprio perfil da corrida exige um certo cuidado na seleção daqueles que ficam responsáveis por segurar as cordas e guiar o animal pelo meio da multidão. Procuram-se, portanto, indivíduos experientes, conhecidos e conhecedores do comportamento destes animais, que saibam respeitar o touro e desempenhar a função com responsabilidade e seriedade. Em regra, os eleitos são sempre os mesmos, de ano para ano, de molde a assegurar o normal cumprimento da tradição. Além do absoluto respeito pelo animal, os condutores das cordas devem também apresentar determinadas competências físicas, considerando a pujança, robustez e bravura do touro.

Apesar da seleção rigorosa, muitas vezes os indivíduos selecionados recebem esta função como herança de seus pais e avós pois, desde tenra idade, acompanham a tradição, ambicionando no futuro tomar o lugar dos respetivos familiares. Este legado cultural é comum e partilhado pela maioria dos “homens das cordas” que encaram a missão com enorme responsabilidade e orgulho.

Por norma, o grupo é composto por 12 elementos que acompanham o animal desde o momento da largada até ao areal. Aqui, a equipa é reforçada com mais 6 homens para afiançar a segurança de todos os participantes.

Nos derradeiros dias que antecedem a festa, o terrado é devidamente preparado para limitar o estacionamento de veículos e garantir um espaço suficientemente amplo para o touro se poder movimentar facilmente. São instaladas, em zonas seguras, algumas *roulottes* de “comes e bebes”, assim como barracas de cerveja, ficando interditas algumas áreas que integram o percurso da ‘Vaca das Cordas’ e o itinerário da procissão do Corpo de Deus, cortejo solene a que se associam os famosos tapetes floridos, executados de madrugada.

#### **A CHEGADA DA “VACA”**

O touro bravo chega à vila de Ponte de Lima na véspera da corrida, na terça-feira, por volta do meio-dia, para que repouse da viagem. A sua entrada no recinto da Expolima – local onde o animal fica alojado até à hora da largada – é anunciada, como manda a tradição, com o lançamento de estrondosos foguetes. Por costume de muitos anos, o animal ficava na corte da Casa de Nossa Senhora da Aurora, palacete pertencente ao Conde d’Aurora. No entanto, nas últimas edições, optou-se pela colocação do touro na Expolima, recinto de exposições do município, por apresentar melhores condições e um maior conforto para o animal.

O curro é preparado antecipadamente com palha e água fresca para poder receber o bóvide e proporcionar-lhe uma boa estadia até ao dia seguinte. A sua chegada é sempre aguardada com enorme expectativa e muitos acorrem à Expolima para presenciarem o acontecimento e registarem as primeiras imagens, imediatamente partilhadas nas redes sociais.

Efetivamente, este é um dos momentos mais esperados da festa. Nesta fase tiram-se as medidas ao touro para avaliação do seu desempenho, gesto que origina múltiplas especulações e conjecturas acerca de como correrá a corrida e de como se comportará o animal durante o percurso.

Antes do arranque da festividade, o dia é aproveitado para sensibilizar os mais novos para a importância da salvaguarda das tradições locais. Nesse sentido, a Expolima recebe, durante a manhã, a visita de centenas de alunos do pré-escolar do concelho que apreciam o touro e aprendem mais acerca da espécie e da manifestação tauomáquica. Mais tarde, no infantário, as crianças são estimuladas a desenvolver atividades relacionadas com a ‘Vaca das Cordas’, de molde a obterem um melhor entendimento sobre a festividade secular.

Ao início da tarde da véspera do Corpo de Deus, começam a chegar as primeiras pessoas à vila, procurando garantir o melhor lugar para contemplação da corrida. Apesar de o evento estar previsto apenas para o final do dia, cerca das 18 horas,

muitos buscam com antecedência locais privilegiados e seguros, designadamente a ponte medieval e as muralhas. Outros recorrem a árvores, candeeiros, bancos, e demais pontos de observação existentes no centro histórico de Ponte de Lima, no sentido de poderem assistir em segurança às movimentações do touro e às tropelias dos mais aventureiros. Estes não arranjam subterfúgios. A sua audácia ou imprudência impele-os para a “frente de batalha” que está prestes a começar.

Mas antes disso, a meio da tarde, procede-se à preparação do animal – que já vem da ganadaria com as pontas ligeiramente cortadas e limadas de molde a eliminar a parte mais dura, afiada e contundente do corno –, colocando-se as embolas – proteções de couro e metal que cobrem a totalidade das hastes, de forma a evitar ferimentos.

Durante toda a tarde, até à hora da largada, as principais artérias do centro histórico da vila ponte-limense são percorridas pelo Grupo de Bombos convidado, garantindo a animação de todos aqueles que neste dia se deslocam a Ponte de Lima para assistir a mais uma tradicional corrida à corda.

#### **A CORRIDA – TOURADA À CORDA**

A largada do touro acontece sempre ao final da tarde da véspera do feriado do Corpo de Deus. O animal sai da Expolima, entre as 18 e as 19 horas, num camião que o transporta até à Casa do Conde d’Aurora, na Rua do Arrabalde, local onde antigamente ficava alojado. A sua chegada é anunciada com o lançamento de foguetes, indicando a quem espera que a festa vai começar.

Como já foi referido, o touro apresenta-se para a corrida embolado e sem pontas. Importa ressaltar que, em todo o processo da festa, os direitos do animal são devidamente salvaguardados – além de previamente comunicados pelos membros da Associação aos principais intervenientes –, assim como a proteção e a segurança daqueles que nela participam.

De seguida, o touro é guiado pelos “homens das cordas” – convenientemente identificados através das camisolas que orgulhosamente envergam – até à Igreja Matriz, percorrendo algumas das principais artérias do centro histórico, mormente o Largo de São João, a Rua Beato Francisco Pacheco e o Largo de São José. Chegado ao adro da igreja, cumpre-se a tradição – o animal é preso ao gradeamento da janela da torre sineira, onde recebe o “batismo” pelo lombo abaixo, gesto que consiste numa espécie de banho de vinho tinto da região, cuja finalidade é o retempero das forças do bovívdeo, e que se concretiza, há cerca de 40 anos, pelas mãos de um mesmo homem, profusamente apaixonado e aficionado pela tradição. Antes mesmo da introdução deste ritual, há relatos do século XIX que confirmam a antiguidade do ato de amarrar o touro às grades do templo mariano:

*“A matriz está sob a invocação de Santa Maria dos Anjos e é a séde da parochia unica da villa. Na sua frontaria, quasi ao rez do chão, está uma janella com grades*

*de ferro, que recorda para quem é de Ponte o singular e barbaro costume da corrida da vacca, na véspera de Corpus-Chisti. Existe desde seculos remotos a usança, e difficil será que o povo prescindia da sua vacca das cordas n'esse dia. Pelas tres horas da tarde prendem o pobre animal pelas pontas aos varões de ferro da janella, e durante uma hora ahi a vae açular o rapazio, espancando-a e atordoando-a com assobios e apupos. Findo esse tempo desligam as cordas das grades da janella, e dois homens, cada um com a corda que prende uma das hastes do animal, fazem-no correr tres vezes em volta da matriz, e acto seguido aguilhoam-o e avançam com elle pela rua de S. José até ao passeio e areal proximo da ponte.”*

(Vieira, 1886)

A descrição certifica, portanto, que o essencial do rito foi conservado, à exceção do aprisionamento prolongado e da constante provocação a que o animal estava sujeito no passado.

Após o batismo, o touro é, então, conduzido de forma a dar as três voltas à igreja, assustando alguns transeuntes e investindo contra os mais atrevidos. No entanto, nem sempre é possível cumprir a tradição, uma vez que esta depende do perfil do animal e das condições de segurança de quem assiste.

Terminado o ritual, o animal é encaminhado para o areal. Antes atravessa o Largo de Camões, principal praça da vila alto-minhota e trajeto obrigatório do touro, cuja passagem suscita as mais variadas reações – uns fogem sem sequer olhar para trás, outros saltam para o interior do chafariz (localizado mesmo ao centro do movimentado largo), havendo também quem trepe a árvores ou a gradeamentos e a tudo aquilo que possa contornar o confronto direto com o animal. Ao chegar ao areal, o touro mostra verdadeiramente a sua raça, brindando a assistência com inúmeras investidas. O próprio espaço, pela sua generosa extensão, proporciona um espetáculo ao ar livre de enorme riqueza e recreação, porquanto permite que o touro se movimente sem grandes restrições, oferecendo, ao mesmo tempo, meios de fuga adicionais para quem pretende evitar uma “marrada”.

Depois de quase duas horas de festa, marcada por inúmeros trambolhões e hematomas, o fim da corrida é assinalado com o lançamento de foguetes. Após a recolha do animal, novamente para a Expolima, a multidão dispersa, rumando a casa ou aos restaurantes locais para jantar. Afinal, há que retemperar as energias para dar continuidade à celebração que se prolonga madrugada dentro.

Por sua vez, o touro é, dias mais tarde, encaminhado para o matadouro e a sua carne comercializada em alguns talhos limarenses, nomeadamente o Talho de São João e o Talho Miguel, para fruição das gentes da terra.

## A FESTA

Parte importante da ‘Vaca das Cordas’ é o estímulo ao convívio social e ao encontro entre famílias, grupos organizados e até empresas. O ‘dia da vaca das Cordas’ entende-se como um contínuo temporal, que vai desde a véspera, com a chegada do touro, até à noite após a corrida.

O anoitecer dá, então, lugar à estúrdia, à folia, à música, à dança e à descontração, até altas horas da madrugada. Milhares de pessoas acorrem à Rampinha, famosa zona de bares da vila de Ponte de Lima, para aproveitarem e desfrutarem de um bom ambiente e partilharem as suas aventuras e apreciações acerca da emblemática festa da ‘Vaca das Cordas’.

Enquanto uns aproveitam para recuperar as forças, fortemente esgotadas durante a corrida da “vaca”, outros dedicam-se à preparação e decoração das ruas do centro histórico através da montagem dos tradicionais tapetes floridos, que marcam o itinerário da solene procissão do Corpo de Deus agendada para o dia seguinte. Para a sua execução são utilizados diferentes moldes preenchidos com serrim de várias cores, fornecido pelo Município, que dão forma aos desenhos escolhidos para cada edição.

### 7.3. Manifestações associadas:

A tourada à corda é uma manifestação tauromáquica de cariz popular – desenvolvida no Norte do país e nos Açores – em que um touro, preso pelos cornos com cordas compridas, seguras e controladas por populares experientes e possantes, percorre as ruas das povoações, dando lugar a peripécias caricatas e à exibição de algumas pegas mais audazes.

No Arquipélago dos Açores, esta tradição tem particular expressão na ilha Terceira e caracteriza-se por uma corrida de 4 touros adultos de raça brava da ilha, criada nas suas pastagens, ao longo de um percurso previamente delimitado com uma distância máxima de 500 m.

À semelhança do que acontece na ‘Vaca das Cordas’, os animais apresentam-se embolados e sem pontas para garantir a proteção dos espetadores. São guiados ou conduzidos por cerca de 6 a 8 homens ou pastores que envergam chapéu de feltro preto, camisola branca e calças pretas ou cinzentas e que controlam a velocidade dos touros através de uma corda que lhes é presa ao pescoço. A lide é protagonizada pelo público masculino, podendo haver lugar também à atuação de capinhas contratados – que consistem em toureiros improvisados que executam sortes recorrendo a um guarda-sol, uma varinha, um bordão encontreiro ou uma samarra.

O primeiro registo conhecido de touradas à corda nos Açores remonta ao século XVII, mais precisamente ao ano de 1622, altura em que se celebra em Angra do Heroísmo a

canonização de São Francisco Xavier e de Santo Inácio de Loiola. Acredita-se que esta manifestação cultural surge no arquipélago pela influência dos primeiros povoadores, que provinham em grande percentagem de regiões castelhanas de forte tradição tauromáquica.

De acordo com o regulamento das Touradas à Corda da ilha Terceira, esta manifestação tauromáquica obedece, desde sempre, a regras e normas de cariz popular, que visam assegurar a segurança das pessoas e o bem-estar do animal, de que se destacam os sinais correspondentes aos limites do espetáculo (riscos no chão), a largada e recolha do touro (foguetes), a armação dos palanques e a atuação dos capinhas.

As touradas à corda nos Açores realizam-se entre 1 de maio e 15 de outubro e têm a duração máxima de 2h30 (correspondendo a aproximadamente 15 a 30 minutos para cada touro). O trajeto percorrido pelo animal é delimitado por dois riscos de cal branca ou, então, por um autocolante da mesma cor, que indicam o início e o fim do percurso, numa extensão máxima de 500 metros. Todos os espaços que possam representar perigo ou insegurança para as pessoas são devidamente vedados.

Em regra, as touradas têm início entre as 16h e as 18h30. No entanto, a festa começa logo pela manhã com a escolha dos 4 touros no campo. Poucas horas antes da largada, os animais são colocados em gaiolas individuais e transportados num camião até ao local da partida. Ao longo da viagem são acompanhados por uma caravana de carros decorados com hortênsias.

O lançamento de um único foguete anuncia que o primeiro touro já saiu da ‘gaiola’ e que a tourada vai começar. Cada animal demora entre 15 a 30 minutos a percorrer todo o trajeto. A sua recolha é assinalada por dois foguetes.

Muito embora as touradas à corda tenham especial expressão na ilha Terceira, também se realizam anualmente em São Jorge, na Graciosa, no Pico e em São Miguel. Com menos frequência, assiste-se à festa brava em Santa Maria, no Faial, nas Flores e no Corvo.

Em média, promovem-se todos os anos cerca de 200 touradas à corda só na ilha Terceira, existindo aproximadamente 13 ganadarias. Mais de metade das corridas estão associadas a festas religiosas.

A vizinha Galiza apresenta também uma tradição tauromáquica muito similar à das corridas à corda de Ponte de Lima e dos Açores. Trata-se da Festa do Boi de Allariz, em Orense, cuja origem recua ao século XIV, quando no ano de 1317 a largada do animal foi introduzida nas celebrações do Corpo de Deus.

Reza a lenda que os habitantes cristãos da localidade – cansados dos insultos e ofensas perpetrados pelos cidadãos judeus sempre que se realizava a procissão do Santíssimo Sacramento – decidiram abrir o cortejo com um boi montado por um ilustre da terra,

seguido por criados que carregavam lanças e sacos com formigas que lançavam contra os injuriantes para os afugentar. Os mais resistentes, que teimavam em não dispersar, eram alvo das investidas de um boi preso por uma corda que os obrigava a afastar, garantindo, desta forma, a passagem pacífica da marcha solene.

Desde então, a festa do boi de Allariz realiza-se anualmente no fim de semana que antecede a celebração litúrgica do Corpo e Sangue de Cristo. Presentemente, a festividade dura cerca de 9 dias, arrancando no sábado por volta das 11 horas, com a chegada à vila dos 4 animais, criados nos montes de Penamá. Nesse mesmo dia, perto das 20h00, decorre a Prova dos Bois para verificação das condições físicas dos bóvidos e para garantir que não são demasiado agressivos. No domingo, além das habituais corridas do boi, cumpre-se a Procissão Medieval dedicada a Juan de Arzúa, fidalgo cristão responsável pela introdução da festa do boi nas celebrações religiosas do Corpo de Deus.

Em média, existem duas largadas por dia e cada uma tem a duração de 30 minutos. Aqui, os bois também são presos pelos cornos com uma corda e conduzidos por 2 a 3 homens, sendo seguidos de perto por mais 4 ou 5 pessoas responsáveis pelo bem-estar do animal e pela segurança daqueles que participam na corrida.

Em alguns países da América do Sul – caso do Brasil, mormente na região do nordeste –, há festividades onde o boi é celebrado, como sejam as do “Bumba meu boi” ou “Boi-bumbá” – manifestações da cultura popular a que se atribuem origens várias, desde tradições africanas a práticas locais, mas a que também se associam elementos de cariz religioso e cristão, caso do Corpo de Deus e das festas joaninas, celebrações levadas pelos colonos e que, à semelhança do exemplo português, se dispersaram no espaço e no tempo.

## **8. Contexto de transmissão**

### **8.1. Estado:**

Ativa

### **8.2. Descrição**

O ritual taumáquico em Ponte de Lima, associado a celebrações religiosas, é ancestral, sendo a ‘Vaca das Cordas’, seguramente, uma das mais tradicionais e antigas representantes do costume. A prática cultural faz parte da vida da comunidade ponte-limense, que cresce em contacto direto com esta manifestação, acompanhando desde tenra idade os pais e/ou avós e entendendo a tradição como expressão enraizada da identidade popular limarense.



Não é por acaso que os “homens das Cordas” são filhos da terra e profundos conhecedores de toda a dinâmica da festa, trazendo consigo uma longa bagagem – primeiramente como espectadores atentos e assíduos participantes; mais tarde carregando a responsabilidade de conduzir o touro bravo pelas ruas do centro histórico, cumprindo uma tradição centenária transmitida geracionalmente ao longo dos tempos.

A atual Associação dos Defensores da Tradicional Vaca das Cordas é igualmente formada por gente experiente, mas também por jovens que querem seguir as pisadas dos seus antepassados, dando continuidade a uma manifestação cultural que, de certa forma, representa e traduz a identidade deste povo que, acima de tudo, sabe valorizar o seu património e reconhecer a relevância da partilha e da salvaguarda do seu legado e da sua história.

Desde muito cedo, os membros da comunidade local convivem de perto com esta tradição, partilhando-a com os seus familiares, vizinhos e até forasteiros. Muitos têm a vantagem de viver no centro da vila, nomeadamente nas ruas que integram o itinerário percorrido pelo animal, estando em posição privilegiada pois, mesmo sem sair de casa, têm acesso direto à corrida.

Para os mais novos, que vão à ‘Vaca das Cordas’ pela primeira vez, é a oportunidade única de conhecerem de perto uma prática que lhes está no sangue, muito por força de uma arreigada transmissão intergeracional. Apesar de poderem experienciar um sentimento contraditório de medo e de curiosidade, guardam a certeza de que a festa é parte integrante da sua história e da sua identidade.

Existe, portanto, uma clara partilha entre gerações, feita oralmente e através da prática não formal e informal, mas contínua, da manifestação cultural. A própria associação incentiva outras instituições para a participação e o envolvimento na festa, cabendo ao município a promoção de ações pedagógicas e informativas do ritual junto da comunidade educativa.

A transmissão deste património imaterial torna-se eficaz e positiva quando observamos o número cada vez mais relevante e expressivo de jovens e forasteiros que participam ativamente na produção da corrida.

### **8.3. Modo(s):** Oral e escrita

A transmissão desta secular tradição é maioritariamente oral, sendo partilhada de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos. Há igualmente a preocupação de envolver a comunidade escolar, sensibilizando as crianças para a importância da conservação do seu legado cultural. Estas iniciativas decorrem não só no dia da festa, com a visita de algumas escolas do concelho ao local de acolhimento do touro, preparada pela Associação responsável pela organização da corrida, como

também ao longo do ano letivo, através de atividades lúdico-didáticas promovidas pelos serviços educativos dos espaços museológicos do município.

Além da transmissão oral, verifica-se também a aposta na publicação de artigos e de livros que abordam com maior ou menor detalhe esta tradição.

#### 8.4. Agente(s)

Todos aqueles que colaboram ativamente na corrida da ‘Vaca das Cordas’ são potenciais agentes de transmissão desta tradição secular, designadamente a Associação dos Defensores da Tradicional Vaca das Cordas (que vem substituir a anterior associação), o Município de Ponte de Lima e a comunidade local.

#### 8.5. Idioma:

Português

### 9. Origem / Historial

*“(...) Perde-se na bruma imemorial dos mais arreduados tempos a tradição lendária da vaca das cordas, que ainda hoje se realiza na linda vila do Lima, em vésperas de Corpus Christi”.*

(Aurora, 1923)

A tradição da ‘Vaca das Cordas’ em Ponte de Lima é antiquíssima e alguns documentos históricos testemunham a sua secular associação à importantíssima festa religiosa do Corpo de Deus – festa móvel porque dependente da Páscoa, podendo acontecer em maio ou em junho. Surgida em Portugal por volta do século XIII, foi instituída por bula, pelo Papa Urbano VI, a 8 de setembro de 1264, fixando-se a sua celebração na *“quinta-feira depois da oitava de Pentecostes e concedendo muita clemência a todos que assistirem à missa e ofício”*. (Dantas, 2006)

São diversas as menções ao touro das cordas que corria na véspera do *Corpus Christi* (cf. Anexo II/5 n.º 004).

Numa sentença de desagravo, datada de 1537 (cf. Anexo II/5 n.º 015), D. João III manda conservar diversos costumes em Ponte de Lima, entre os quais o de se correrem touros em quatro festas do ano: no Corpo de Deus, no São João Baptista, na Visitação de Santa Isabel e no dia do Anjo Custódio. Esta corrida de touros fazia-se no dia próprio da festa. No entanto, o sobredito documento não menciona a corrida do touro na véspera do *Corpus Christi*, que constitui a origem da ‘Vaca das Cordas’.

A mais antiga referência escrita de que se tem conhecimento surge num Livro das Vereações: *“e asi daryão mais seis touros para dia de Corpo de Deos [sabede] hum deles pera se trazer as cordas na bespora e cinco pera se correr em no dia”* (cf. Anexo II/5 n.º 013). De um modo insofismável, está aqui expressa uma realidade que se manteve nos séculos seguintes, a despeito de algumas interrupções decorrentes de proibições e de pontuais impedimentos de natureza diversa, que não obstaram a que em anos subsequentes se retomasse a tradição tauromáquica.

Ressalva-se, no entanto, uma grande diferença: no dia da festa corriam vários touros em recintos preparados e montados para o efeito, enquanto na véspera corria apenas um touro preso por cordas, habitualmente conduzidas por moleiros do concelho que, por volta dos séculos XVII e XVIII *“tinham obrigação de pegarem às cordas e executarem a corrida”*, sob pena de pagarem multa se não comparecessem. (Lemos, 1977) E foi esta tradição, a da véspera do *Corpus Christi*, que se manteve até hoje.

Um manuscrito datado de 1827 (cf. Anexo II/5 n.º 009), composto para uso de um Beneficiado da Igreja Colegiada de Ponte de Lima, alude às duas distintas corridas de touros por altura do *Corpus Christi*: *“Neste mês [junho], mais cedo ou mais tarde, acontece ser a festa do Corpus Christi. Tem vésperas solenes com a exposição do Santíssimo, e a que assiste a Câmara; no fim destas corre-se ao redor da igreja o touro chamado das cordas.”* E posteriormente, no próprio dia da Festa: *“Quase todos os anos neste dia de tarde se correm toiros na feira dos porcos, cujo terreiro se tapa com cancelas tanto do lado do chafariz, como do rio.”*

Mas as referências históricas à corrida da ‘vaca das cordas’, bastante avulsas, são parcas no que respeita ao modo como se fazia a corrida. O testemunho mais importante, e o mais citado nos trabalhos sobre esta tradição, é o de Miguel Roque dos Reis Lemos, que na segunda metade do século XIX presenciou e registou desta maneira a corrida da ‘Vaca das Cordas’ (cf. Anexo II/5 n.º 012):

*“Pelos três para quatro horas da tarde, prendia-se ao gradeamento de ferro da janela da torre dos sinos da Matriz uma vaca mansa, destinada ao talho; e o pacífico animal ficava ali, até às seis horas aproximadamente, exposto ao arbítrio dos transeuntes e do rapazio inquieto e malfazejo, que, por prazer, procuravam mortifica-lo e embravecê-lo com aguilhoadas e bastonadas, no meio de vozeria e assobios, no meio de apupos e ditérios, não raro imorais. Deleite para os espectadores e estímulo para as alegrias e risadas uníssonas.*

*Ordinariamente às seis horas, prazo determinado pelo Senado ou só pelo Presidente, apareciam dois moleiros dos obrigados e ultimamente os remunerados executores das sortes do estilo, que, munidos de cordas, de uns nove a dez metros pelo menos, as enlaçam nas pontas do animal actor e delas se serviam como de guias ou leme da corrida.*

*A vaca, desprendida seguidamente do gradeamento de ferro, era guiada em roda da Igreja, que volteava três vezes a trote e pesado galope, sempre aguilhoadada e sempre apupada.*

*E o povo a correr, a correr, uns atrás dela, para a estouvarem e, simultaneamente, não perderem um momento de gozo do espectáculo; - outros na frente, procurando furtar-se ao atropelamento; as portas das casas a fecharem-se umas, abrirem-se outras, para se isolarem momentaneamente da investida da vaca e evitarem o impulso das ondas populares, que se formavam e desfaziam pelas ruas e adro.*

*E as famílias, apinhadas pelos peitoris e sacadas, a casarem suas alegrias ruidosas com as gargalhadas estridentes dos espectadores da praça, endoudecidos.*

*Findas as três voltas, os ministros da corrida arrastavam ou alavam corda e cabo ao pobre animal, encaminhando-o para a alameda do Passeio D. Fernando, para o vasto areal e para a ponte, em demanda dos grupos de povo expectante contra quem pudesse promover as investidas, ou pelo menos enredar com as cordas.*

*E faziam-no com mestria atrevida.*

*Se o animal embravecido arremetia com alguém ou fazia atropelamento, ou se as cordas enrodilhavam as pernas de qualquer temerário ou descuidado transeunte, proclamava-se geralmente o espectáculo de agradável e divertido; mas, não se dando nenhum desses factos, todos unanimemente o apodavam de sensabórico, concluindo com as frases sacramentais: a vaca este ano não fez figura, não prestou para nada.*

*Ao toque da Trindade estava tudo terminado, a vaca seguia o caminho de seu destino; a gente...cada mocho para seu buraco.”*

Com leves alterações, a descrição da corrida da ‘vaca das cordas’ feita por Miguel Roque dos Reis Lemos, que presenciou este ritual durante três a quatro décadas na segunda metade do século XIX, permanece bastante atual.

O animal chega à vila na véspera da corrida, anunciando-se o acontecimento com o estrondear de foguetes. Sabemos, então, que a ‘vaca’ se encontra em Ponte de Lima, onde fica recolhida até ao dia seguinte, o momento da festa. Durante muitas décadas, o local de recolhimento do touro até à sua largada foi numa corte existente na Casa de Nossa Senhora da Aurora, situada no arrabalde de São João. Em anos mais recentes, já na segunda década do século XXI, o touro tem pernoitado no recinto da Expolima.

Ao final da tarde do dia que precede o *Corpo de Deus*, a ‘vaca’ sai da Expolima e é levada num camião até à zona do Arrabalde, junto da casa de onde saía primitivamente. Dá-se então a largada do animal, sendo guiado pelos ‘homens das cordas’, sempre acompanhados por uma multidão de gente, até à Igreja Matriz. Aí é atado às grades da janela da torre para receber o tradicional “batismo” com vinho tinto. Após as três voltas à igreja, é conduzido ao Largo de Camões e, por fim, levado para o areal onde se desenrolam sucessivas pegas e marradas, regressando

novamente à Expolima. Dias mais tarde, segue para o matadouro, comercializando-se a sua carne nos talhos locais.

As principais alterações que marcaram as últimas décadas da ‘Vaca das Cordas’ estão relacionadas com o itinerário percorrido pelo touro e com o notável aumento da afluência de público e de participantes.

Ainda na segunda metade do século XX, o touro passava por outras artérias da vila, mais periféricas. Subia, por vezes, a Rua do Pinheiro até à Clara Penha e, outras vezes, atravessava a ponte sobre o rio até ao largo de Além-da-Ponte, em Arcozelo, *“o que causava o maior alvoroço a quem, por essa hora, se lembrava de vir à vila. Homens e mulheres houve que fugiram espavoridos para trás e até alguém chegou mesmo a saltar o parapeito e encarou com decisão um salto e um banho nas águas pouco fundas do rio...”*. (Vieira e Costa, 1998) Nos últimos anos, sem alterações, o touro concentra-se no centro da vila, à volta da Igreja Matriz, no Largo de Camões e no areal.

Também nos últimos tempos a corrida da ‘Vaca das Cordas’, por força da sua fama e divulgação, tem envolvido um número de participantes bastante superior ao que se registava há apenas umas décadas, em que somente os habitantes de Ponte de Lima e outros de vários pontos do concelho acorriam à vila. Hoje, a participação ultrapassa significativamente os limites de Ponte de Lima e até do Alto Minho.

A escolha do vocábulo “vaca”, em detrimento de “touro”, encontra a sua sustentação na *“linguagem popular, está na memória colectiva, nos resquícios do antigo culto a divindades romanas protectoras das searas e das vinhas, consta nos arquivos, na iconografia e chegou às fontes escritas nos meados do século XIX”*. De ressaltar que neste período era usada uma vaca mansa na tradicional festividade popular. E foi só *“a partir do segundo quartel do século XX, [que esta] cedeu o lugar ao toiro negro e gravito, (re)inaugurando-se a tourada à corda com foguetório”*. (Dantas, 2006)

## II. DOCUMENTAÇÃO

### 10. Bibliografia

- “Antiguidades: festas da obrigação da Câmara”, 1908, **Almanaque Ilustrado de “O Comercio do Lima”**, n.º 2, Ponte de Lima, [s.n.], p.207-210.
- ARAÚJO, José Rosa de, 1981, “A volta da Vaca das Cordas”, **Limiana**, n.º 51, Ponte de Lima, p.1-2.
- ARAÚJO, José Rosa de, 1988, “A Vaca das Cordas”, **Limiana**, Vol. 2, n.º 2, Ponte de Lima, p.1-2.

- ARAÚJO, José Rosa de e MORAIS, Adelino Tito de, 1980[4], **“A Vaca das Cordas”**, Ponte de Lima, Livraria Papelaria Guimarães.
- AURORA, Conde de, 1923, **“A tradição taurófila do Lima”**, **Almanaque Ilustrado de “O Commercio do Lima”**, n.º 5, Ponte de Lima, [s.n.], p.140-151.
- BARBOSA, António Dantas, 2017, **“Tempos de festa em Ponte de Lima (séculos XVII-XIX)”**, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, Vol. I.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA - **Ata de reunião de câmara n.º 9** [Em linha]. (20 abr. 2018). [Consult. 8 nov. 2018]. Disponível na Internet: <[https://www.cm-pontedelima.pt/uploads/document/file/2164/Ata\\_09\\_2018.04.20.pdf](https://www.cm-pontedelima.pt/uploads/document/file/2164/Ata_09_2018.04.20.pdf)>
- CAMPELO, Álvaro, 2007, **“Património Imaterial de Ponte de Lima”**, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima.
- DANTAS, Luís de Sousa, D.L. 2006, **“A Vaca das Cordas em Ponte de Lima”**, [S.l.], Edição do Autor.
- **Instrução de ceremonias extrahidas da rubrica do Missal Bracharensense no que pertense à Missa Solemne, Semana Sancta e outras particularidades da Collegiada de Ponte do Lima para uso de João José de Vasconcellos, beneficiado na mesma Collegiada, 1827.**
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1873, **“Apontamentos para as memórias das Antiguidades de Ponte de Lima”**, Ponte de Lima, Arquivo Municipal, p.67-71.
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1873, **“Índice alfabético das Principaes matérias dos Livros das Vereações do Archivo Municipal de Ponte de Lima”**, Ponte de Lima, Arquivo Municipal, p.81.
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1899, **“A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima”**, **A Tradição—revista mensal d’ethnographia portugueza**, ilustrada, 2.ª ed, Lisboa, [s.n.].
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1908, **“A corrida da Vaca das Cordas em Ponte de Lima”**, **Almanaque Ilustrado “O Comércio do Lima”**, Ponte de Lima, [s.n.], n.º 2, p.153-158.
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1936, **“A corrida da Vaca das Cordas: parte segunda: capítulo 23”**, **Estudo para os Anais municipais de Ponte de Lima**, Viana do Castelo, p.92-95.
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1970, **“Touros – Vaca das Cordas”**, **Limiana**, n.º 5, Ponte de Lima, p.2-3.
- LEMOS, Miguel Roque dos Reis, 1977, **“Anais Municipais de Ponte de Lima”**, 2.ª ed,

Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima.

- **Livro de Actas da Câmara Municipal**, 1602-1605, Arquivo Municipal de Ponte de Lima, p.182.
- LOUREIRO, Carlos, 1994, “Memórias: a Turquia: a Vaca das Cordas”, **O Anunciador das Feiras Novas**, Ano 11, Série 2, n.º 11, Ponte de Lima, AEPL, p.134-135.
- MORAIS, Adelino Tito de, 2008, “**Achegas para a verdadeira história da Vaca das Cordas e Corpo de Deus**”, Ponte de Lima, Edição do Autor.
- MORAIS, Adelino Tito de, 2010, “**Breve história da Vaca das Cordas (Ponte de Lima) e Festa do Boi (Allariz) e suas prováveis origens judaicas**”, Ponte de Lima, Edição do Autor.
- MACIEL, Padre Roberto, 1908, “A minha terra”, **Almanaque Ilustrado de “O Comercio do Lima”**, n.º 2, Ponte de Lima, Tip. Confiança.
- SAMPAIO, Francisco, 1988, “A Vaca das Cordas em Ponte de Lima: um pouco de história”, **O Anunciador das Feiras Novas**, Ano 5, 2.ª série, n.º 5, Ponte de Lima, AEPL, p.60-62.
- **Sentença de desagravo, pela qual manda o rei D. João III que se conservem os usos e costumes da Câmara de Ponte de Lima da mourisca, do almoço dos anjos e de correr touros** [Em linha]. (17 fev. 1537). [Consult. 8 nov. 2018]. Disponível na Internet: <<http://pesquisa.arquivo.cm-pontedelima.pt/details?id=12336&ht=senten%C3%A7a|desagravo|manda|rei|d|jo%C3%A3o|iii|conservem|usos|costumes|c%C3%A2mara|ponte|lima|mourisca|almo%C3%A7o|anjos|correr|touros|correrem>>
- SOUSA, Franclim Castro, “**O costume de correr vacas e touros**”. Artigo disponível na internet: <[http://www.cm-pontedelima.pt/uploads/writer\\_file/document/1344/o\\_costumecorrer\\_vacastouros.pdf](http://www.cm-pontedelima.pt/uploads/writer_file/document/1344/o_costumecorrer_vacastouros.pdf)>
- “Vaca das Cordas”, 1974, **Limiana**, n.º 30, Ponte de Lima, p.1-2.
- “Vaca das Cordas em Ponte de Lima”, 2007, **Limiana: revista de informação, cultura e turismo**, Ano 1, n.º 3, Ponte de Lima, p.33.
- “Vaca das Cordas: tradição secular”, 2001, **Ponte de Lima: Boletim Municipal**, Ano 5, n.º 14, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, p.14-15.
- VIEIRA, Amândio Amorim de Sousa, 2017, “**P’ra Que Viva Ponte de Lima! Terra de Tradições**”, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, p. 202, 212-213.
- VIEIRA, Amândio de Sousa, 2016, “Vaca das Cordas”, **Nova Limiana: revista de informação, cultura e turismo**, Ano 10, n.º 46, Ponte de Lima, p.22-23.

- VIEIRA, José Augusto, 1886, “**O Minho Pittoresco**”, Tomo I, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, p.249-288.
- VIEIRA, Ovídio de Sousa e COSTA, Ana Cristina Amorim, 1998, “**Correr Touros em Ponte de Lima: a Vaca das Cordas**”, Ponte de Lima, Comissão Organizadora da Vaca das Cordas.

Páginas da Internet consultadas:

- <https://www.patriarcado-lisboa.pt>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tourada\\_%C3%A0\\_corda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tourada_%C3%A0_corda)
- <http://regulamentostouradascorda.ilhaterceira.net/>
- <https://www.exploreterceira.com>
- <https://tauronews.com/fenomeno-das-touradas-corda/>
- [https://es.wikipedia.org/wiki/Festa\\_do\\_Boi\\_de\\_Allariz](https://es.wikipedia.org/wiki/Festa_do_Boi_de_Allariz)
- <https://www.tradicionesyfiestas.com/fiesta/festa-do-boi-de-allariz/>
- <http://www.festadoboi.gal/>

### **11. Fontes escritas**

Ver Anexo II/5 – Fontes escritas

### **12. Fontes orais**

Não aplicável

### **13. Fotografia**

Ver Anexo II/1 – Documentação fotográfica

### **14. Filme**

Ver Anexo II/2 – Documentação fílmica

### **15. Som**

Ver Anexo II/2 – Documentação fílmica



## **16. Outra documentação**

Ver Anexo II/3 – Documentação cartográfica

Ver Anexo II/4 – Documentação gráfica

## **III. DIREITOS ASSOCIADOS**

### **17. Tipo**

Os direitos coletivos associados à festa da ‘Vaca das Cordas’ são de natureza consuetudinária, pois encontram sustentação na sua prática comum e constante. Trata-se, portanto, de um direito baseado nos usos e costumes de um povo, que não estão escritos, nem codificados, mas que são aceites como lei.

### **18. Detentor**

Os detentores destes direitos são a comunidade ponte-limense em geral e todas as entidades que participam ativamente na ‘Vaca das Cordas’.

## **IV. PATRIMÓNIO ASSOCIADO**

### **19. Património Cultural**

#### **19.1. Móvel**

Não aplicável.

#### **19.2. Imóvel**

##### **19.2.1 Ruas do centro histórico**

As ruas do centro histórico constituem os espaços abertos por excelência por onde passam o touro – elemento de destaque da manifestação cultural – e toda a multidão entusiasta que acompanha o animal até ao “palco principal” – o areal. O percurso não é muito longo, concentrando-se essencialmente na zona mais central da vila. O itinerário percorrido inclui a Rua do Arrabalde, o Largo de São João, a Rua Beato Francisco Pacheco, o Largo de São José, o Largo da Misericórdia, a Rua Cardeal Saraiva, a Rua da Abadia (aqui o touro dá três voltas à Igreja Matriz), o Largo de São José, a Rua Inácio Perestrelo, o Largo de Camões, a Rua José de Abreu Coutinho, descendo de

seguida para o areal. No final da corrida, o touro sobe novamente até ao Largo de São João e regressa à Expolima.

### 19.2.2 Igreja Matriz

Trata-se de um local privilegiado de encenação da ‘Vaca das Cordas’, assim como de outras manifestações culturais de relevo. Neste caso particular, há dois momentos chave da tradicional corrida que têm como palco a Matriz de Ponte de Lima, localizada no coração da vila, nomeadamente o “batismo” do animal no adro da igreja, junto à torre sineira, e as três voltas dadas antes de o touro seguir para o Largo de Camões e para o areal. Numa das laterais do edifício religioso, encontra-se uma estátua de homenagem à festividade inaugurada a 21 de maio de 2008 pelo Município de Ponte de Lima, em parceria com a Associação dos Amigos da Vaca das Cordas, constituída nesse mesmo ano. O monumento é composto por um touro em bronze em posição de investida que pretende dar visibilidade a uma das tradições mais representativas da identidade cultural da comunidade ponte-limense.

### 19.2.3 Ponte Medieval

A ponte medieval, ao oferecer vistas excecionais sobre o rio e o areal, transforma-se num camarote privilegiado, sendo escolhida por muitos para assistirem de longe e em máxima segurança à tradicional tourada à corda.

## 19.3. Imaterial

### 19.3.1. Corpo de Deus (procissão) e tapetes floridos

A corrida da ‘Vaca das Cordas’ está fortemente associada às celebrações religiosas do *Corpus Christi*. Note-se que a manifestação cultural aqui retratada ocorre, desde tempos imemoriais, na véspera do feriado da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

A festividade de Corpus Christi surge no século XIII – no ano de 1264 – como meio de resposta a heresias que questionavam a real presença de Cristo na Eucaristia. A responsabilidade pela sua instituição é atribuída ao Papa Urbano IV (1261-1264).

As cerimónias têm lugar na quinta-feira que antecede o domingo da Santíssima Trindade, ou seja, 60 dias após a Páscoa. O dia da semana em que se assinala o feriado está associado à Quinta-feira Santa, dia da instituição da Eucaristia, momento da *“entrega de Cristo à humanidade num gesto de Amor infinito. (...) O Sacramento da Eucaristia é levado às ruas como um gesto e expressão de fé e, ao mesmo tempo, como convite à renovação da própria fé”*.

Em Portugal, este cerimonial eucarístico terá surgido uns anos mais tarde. Acredita-se que em 1266 já se comemorava o Corpo de Deus na cidade de Coimbra, embora ainda não se realizasse a procissão. *“O desfile processional do Santíssimo Sacramento apenas começou a incorporar o programa da festividade do Corpus Christi, em 1307, nesta*

*mesma cidade, onze anos antes da sua instituição pelo Papa João XXII (1316-1334)”* (Barbosa, 2017).

Antigamente, a festa misturava o sagrado e o profano, havendo lugar a danças, folias e procissões. Estas eram representadas por carros alegóricos, diabos, a serpe e a coca e os gigantones, acompanhados pela gaita de foles e por outros instrumentos musicais.

Há quem defenda que o facto de a Solenidade ocorrer no solstício de verão tenha influenciado ou até mesmo ditado a introdução ou incorporação de alguns elementos profanos, de cariz folclórico, conferindo, às vezes, às celebrações do Corpo de Deus alguns apontamentos de natureza carnavalesca.

Não é possível precisar o início das comemorações do Corpo de Deus em Ponte de Lima. O documento mais antigo que faz referência a esta manifestação cultural remonta ao ano de 1537 e diz respeito a uma sentença de desagravo ordenada pelo rei D. João III que dita a conservação dos usos e costumes da Câmara de Ponte de Lima:

*“(...) E oficiais da Câmara segumdo vos tynheis mandado no que levaveis o seu antiguo lmemorjall uso E costume que sempre fora na dita Villa por omra da dita festa de corpos xpi (...)”.*

Atualmente, as celebrações do Corpo de Deus na vila ponte-limense agregam dois momentos chave que desde sempre estiveram interligados – a corrida da “vaca” e a procissão. Houve tempos, inclusive, em que se corria um animal na véspera, e cinco no próprio dia da festividade, mas alguns membros da comunidade consideraram que os elementos profanos presentes na celebração religiosa desviavam os fiéis do seu verdadeiro propósito – a demonstração de fé.

Apesar de a festividade preservar uma componente mais lúdica e divertida, o cortejo processional continua a ser o ponto mais forte da festa, envolvendo toda a população local e demais visitantes numa cerimónia profundamente solene, que espelha a enorme devoção de todos aqueles que participam, direta ou indiretamente, na sua produção.

As ruas por onde passa a procissão são ricamente decoradas com tapetes floridos, cuidadosamente montados na noite que antecede as comemorações da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Para tal contribui um número significativo de voluntários que trabalha arduamente durante toda a madrugada até à conclusão dos tapetes que irão demarcar e “acolher” no dia seguinte a marcha processional. Para o efeito são utilizados diferentes moldes preenchidos com serrim de várias cores, fornecido pelo Município de Ponte de Lima, que dão forma aos desenhos selecionados anualmente. Cada tapete é o reflexo da dedicação e da devoção dos moradores e dos comerciantes que se entregam de corpo e alma ao cumprimento desta tradição secular.

## 20. Património Natural

### O rio Lima e o areal (margem esquerda)

É na margem esquerda do rio Lima, no seu extenso areal, que tem lugar o ponto alto da festa. Ali, os mais audazes ou insensatos (dependendo da perspetiva de cada um) desafiam o touro para um “duelo”, ou seja, para um jogo de forças em que, por norma, nenhuma das partes vence ou perde.

O rio Lima, além de consubstanciar um meio de escape e um refúgio para algumas pessoas, serve igualmente para o animal se refrescar, saciar a sede e recuperar as forças.

No decurso da corrida verifica-se frequentemente que touro e aficionados tomam repetidos banhos nas águas refrescantes do rio num jogo de investida e fuga que pontua a reta final da festividade. O Lima não só serve de cenário à corrida “solta”, como de elemento de evasão e amparo.